



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## *Breaking News #17*

DEZEMBRO DE 2017

---

# A Relação do Brasil com os Estados Unidos

## Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

**[www.cebri.org](http://www.cebri.org)**

---

**EXPEDIENTE** Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Superintendente de Projetos: **Renata H. Dalaqua** | Coordenadora Administrativa: **Camila Sabino** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Coordenadora de Relações Institucionais: **Bárbara Brant** | Assistentes de Projetos: **Carlos Arthur Ortenblad Jr;** **Gabriel Torres** | Estagiários: **Evandro Osuna;** **Luiz Gustavo Carlos;** **Mauricio Alves;** **Nathália Miranda Diniz Neves** | Consultores: **Angela Giacobbe;** **Quillen Sanchez;** **Suzana Green Haddad** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044  
Tel + 55 21 2206-4400 - [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br) - [www.cebri.org](http://www.cebri.org)

---

## Mantenedores



---

## Patrocinadores



## Apoio



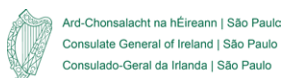
Araguaia



## Associados Estrangeiros



## Associados Diplomáticos



## Sócios Individuais

Adriano Abdo  
Aleksander Medvedovsky  
Álvaro Augusto Dias Monteiro  
Álvaro Otero  
Arminio Fraga  
Carlos Eduardo Ernanny de Mello e Silva  
Carlos Leoni de Siqueira  
Carlos Mariani Bittencourt  
Celso Lafer  
Christian Lohbauer  
Christiane Aché  
Claudine Bichara de Oliveira  
Daniel Klabin  
Décio Oddone  
Eduardo Marinho Christoph

Eduardo Prisco Ramos  
Fernando Bodstein  
Fernando Cariola Travassos  
Fernão Bracher  
Frederico Axel Lundgren  
Henrique Rzezinski  
Jaques Scvirer  
João Felipe Viegas Figueira de Mello  
José Francisco Gouvêa Vieira  
Larissa Wachholz  
Leonardo Coelho Ribeiro  
Manuel Thedim  
Marcelo Weyland Barbosa Vieira  
Marcio João de Andrade Fortes  
Marco Antonio Ribeiro Tura

Maria Pia Mussnich  
Mauro Ribeiro Viegas Neto  
Mauro Viegas Filho  
Paulo Ferracioli  
Pedro Brêtas  
Ricardo Levisky  
Roberto Abdenur  
Roberto Guimarães Martins Costa  
Roberto Pereira de Almeida  
Roberto Prisco Paraiso Ramos  
Roberto Teixeira da Costa  
Stelio Marcos Amarante  
Tomas Zinner  
Vitor Hallack  
Winston Fritsch

## Parceiros de projetos



Albert Fishlow, cientista político, economista e experiente brasileiro, esteve no Rio de Janeiro em 6 de dezembro de 2017, quando analisou os laços políticos e econômicos que unem o Brasil e os Estados Unidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje. Para Fishlow, que também é membro do Conselho Internacional do CEBRI, o relacionamento entre os dois países ao longo das últimas décadas passou por períodos de cooperação acentuada e de relativo esfriamento. No momento, o Professor considera que o Brasil está ausente da lista de prioridades dos EUA e aponta a inexistência de uma agenda bilateral profunda.

As observações de Fishlow foram respaldadas por análises de Henrique Rzezinski, Conselheiro do CEBRI, e de Marcos Troyjo, Professor da Universidade Columbia. Os três participaram do evento “A Relação do Brasil com os Estados Unidos”, organizado pelo *Núcleo Estados Unidos* do CEBRI, na sede do Centro.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer a Albert Fishlow, Henrique Rzezinski e Marcos Troyjo, bem como ao público e aos conselheiros presentes na ocasião.

DEZEMBRO DE 2017

---

# **A Relação do Brasil com os Estados Unidos**



**A**lbert Fishlow, cientista político, economista e experiente brasileiro, analisa os laços políticos e econômicos que unem o Brasil e os Estados Unidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje. Ao longo dessas sete décadas, o relacionamento entre os dois países passou por períodos de cooperação acentuada e de relativo esfriamento.

No momento, Fishlow considera que o Brasil está ausente da lista de prioridades dos EUA e aponta a inexistência de uma agenda bilateral profunda. O Professor afirma que estar fora do radar de Trump pode ser benéfico para o Brasil, ao evitar situações conflituosas como as observadas com China e Rússia. Contudo, ele também destaca que esse afastamento inibe o aprofundamento das relações econômicas bilaterais e da cooperação em temas de interesse comum, como energia e inovação tecnológica.

### **O caráter cíclico das relações entre Brasil e EUA**

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, as políticas exteriores de Brasil e Estados Unidos experimentaram fases de maior e menor sintonia. Para Fishlow, um traço característico do relacionamento bilateral diz respeito a seu caráter cíclico, apresentando períodos de aproximação e afastamento ao longo das últimas sete décadas.

À vitória dos Aliados, em 1945, seguiu-se a expectativa brasileira por um estreitamento de relações com os EUA e por maior volume de assistência ao desenvolvimento, uma vez que o Brasil havia participado no esforço de guerra – tanto por meio da instalação de bases militares americanas em solo brasileiro, como por meio de exportações de café com preço subsidiado. Nesse contexto, distinguia-se o interesse brasileiro em integrar o Conselho de Segurança da recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU). Entretanto, na medida em que a atenção dos americanos se concentrou na reconstrução da Europa e do Japão, as expectativas brasileiras foram em larga medida frustradas, fragilizando os laços de confiança do país com os Estados Unidos.

Apenas com o estabelecimento da Aliança para o Progresso do Presidente John F. Kennedy, em 1961, o Brasil despertaria o interesse estratégico dos americanos. Para o Professor, naquele momento, ambos os países “olhavam para a mesma direção”, cooperando para a promoção do desenvolvimento socioeconômico na América Latina. A “era de ouro” do relacionamento bilateral, porém, viria em meados da década de 60, quando ambos os governos compartilhavam o objetivo de conter o avanço do comunismo, inclusive com acordos de segurança coletiva.

Entretanto, o endurecimento do regime militar no Brasil, com a aprovação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), foi acompanhado de gradual distanciamento entre as políticas externas dos dois países. Com a inicial recusa brasileira de aderir ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) e a crescente visibilidade conferida às violações de direitos humanos perpetradas pelo regime militar, as relações bilaterais deterioraram significativamente – principalmente, a partir do governo de Jimmy Carter. Em 1973, o choque do petróleo foi um divisor de águas, na medida em que os EUA não “vieram ao socorro” do Brasil, então maior importador de petróleo do mundo em desenvolvimento.

Na década de 80, a possibilidade de melhorar as relações bilaterais seria novamente frustrada, quando em visita do Presidente José Sarney aos EUA tornaram-se claras diferenças fundamentais nas posições de ambos os países. Isso ficou evidente nas críticas feitas pelos americanos às altas tarifas brasileiras e aos subsídios concedidos à indústria nacional, responsáveis por “distorcer preços internos e externos”, diz Fishlow.

Após poucos anos de boas relações durante a gestão de Bill Clinton nos EUA e de Fernando Henrique Cardoso no Brasil, o fracasso da tentativa de expansão do North American Free Trade Agreement (NAFTA) através da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) geraria atritos no relacionamento bilateral. Essa situação seria agravada posteriormente, com o foco da política externa do governo de Luiz Inácio Lula da Silva em relações no eixo Sul-Sul.

Por meio desse breve histórico, o Professor aponta a ausência de continuidade na relação bilateral. Na visão de Fishlow, “o Brasil sempre acha que está recebendo pouco dos Estados Unidos, enquanto, do outro lado, os Estados Unidos reclamam do Brasil, argumentando que o país quer ‘tirar vantagem’ da relação e busca tratamento diferenciado”.

## **Desindustrialização e reconfiguração do papel do Estado na economia**

Para Fishlow, um fenômeno comum à estrutura econômica dos EUA e do Brasil em anos recentes diz respeito à redução da proporção de manufaturados no PIB nacional – configurando o chamado processo de desindustrialização. Contudo, enquanto nos Estados Unidos tal processo estaria associado ao aumento da produtividade e da inovação tecnológica, no Brasil ocorreria o oposto. Aqui, a raiz da desindustrialização estaria na baixa produtividade do setor manufatureiro. Comum a esses dois casos seria o impacto das trocas comerciais com a China, com consequências significativas sobre as respectivas balanças comerciais.

Embora as percepções sobre como reagir a tal processo de desindustrialização sejam distintas nos dois países, Fishlow destaca, em ambos os cenários, a “decisão de retomar o passado”. No caso dos EUA, observa-se, na retórica “*America First*” do Presidente Donald Trump, uma espécie de retorno ao mercantilismo, tendo em vista o foco obsessivo com a manutenção de superávits comerciais com todos os países – algo que Fishlow não considera necessariamente positivo. Marcos Troyjo, Professor da Universidade Colum-



bia, também comenta sobre essa questão, lembrando que a última vez em que os EUA apresentaram superávit em sua balança comercial com o mundo foi em 1976. Esse dado evidencia a alta dispersão global do parque industrial americano. Sendo assim, para concretizar o desígnio de eliminar déficits comerciais, uma possibilidade aventada por Trump é a de pressionar seus parceiros a restringirem voluntariamente suas exportações – prática que é estritamente proibida pelas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Já no caso do Brasil, Fishlow destaca a percepção, entre determinados segmentos políticos, da necessidade de “voltar ao período de substituição de importações”. Essa tendência seria visível, por exemplo, na adoção de políticas econômicas protecionistas durante o governo da Presidente Dilma Rousseff, como o aumento de tarifas em setores específicos e a concessão de subsídios à indústria nacional. Em particular, Fishlow destaca os incentivos à indústria automobilística, citando os casos dos subsídios à General Motors no Rio Grande do Sul e à Fiat em Minas Gerais. Para o Professor, a ênfase no setor automobilístico reflete uma visão obsoleta e não abre “possibilidades para o Brasil crescer no futuro”, principalmente devido à “entrada da China e de novas tecnologias” neste setor.

Fundamentalmente, Fishlow argumenta que governos recentes no Brasil e nos EUA compartilham a visão de que a globalização é um mito, de que a possibilidade de incrementar a produtividade industrial a partir da fragmentação vertical e espacial da produção em cadeias globais de valor é uma falácia. Sob essa perspectiva, governos de ambos os países justificam esforços para internalizar processos produtivos, gerando emprego e renda localmente, como é o caso das políticas de conteúdo local.

Dessa forma, Fishlow considera que estejam em curso mudanças fundamentais na configuração do papel do Estado na economia, tanto nos EUA como no Brasil. Com relação ao primeiro, Fishlow destaca a atual “onda de federalismo” pela qual passa os EUA, com ênfase crescente na autonomia das unidades federativas para legislar, garantir a justiça e mesmo estabelecer sistemas de assistência médica, social, etc. No campo das mudanças climáticas, por exemplo, a despeito da decisão de Trump de retirar os EUA do Acordo de Paris (2015), unidades federativas como a Califórnia declararam sua intenção e capacidade de honrar os compromissos assumidos para reduzir emissões de gases do efeito estufa.

No caso do Brasil, Fishlow reitera a crescente importância auferida ao Governo Federal, inclusive do ponto de vista do controle de gastos governamentais. Entretanto, aludindo

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

### Entrevista com Albert Fishlow

Em entrevista ao jornal O Globo, realizada no CEBRI, Fishlow discute o impacto da gestão Trump sobre as relações com o Brasil e sobre temas-chave da agenda global.

#### “Nenhum país tem laços de confiança com Trump”



<http://www.cebri.org/portal/noticias/nenhum-pais-tem-lacos-de-confianca-com-trump>

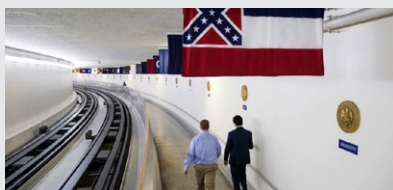
diretamente à Emenda Constitucional 95, que impôs tetos aos investimentos do Estado, o Professor expressa ceticismo em relação à possibilidade de limitar os dispêndios do Estado a partir de legislação rígida. Na opinião de Fishlow, “ter uma emenda constitucional que limita o orçamento é algo que nos Estados Unidos já tentamos e não funcionou”. Ademais, Fishlow assinala que, mesmo conservador em suas políticas, o atual governo do Presidente Michel Temer tem apresentado gastos elevados, associados principalmente a demandas de setores-chave, cujo apoio é necessário para obter “maiorias no Congresso” e conseguir aprovar suas medidas.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

### Federalismo nos EUA

Pesquisa aponta que os direitos dos Estados subnacionais nos EUA e sua autonomia para legislar é defendida tanto por governos Republicanos quanto Democratas, de acordo com seus interesses específicos.

#### Both Democrats and Republicans care about ‘states’ rights’ – when it suits them



[https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/06/23/both-democrats-and-republicans-care-about-states-rights-when-it-suits-them/?utm\\_term=.5dbfb0201b8c-do-consigliere-diplomatico-do-brasil.shtml](https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/06/23/both-democrats-and-republicans-care-about-states-rights-when-it-suits-them/?utm_term=.5dbfb0201b8c-do-consigliere-diplomatico-do-brasil.shtml)

### O potencial não realizado da relação bilateral e perspectivas para o futuro

Fishlow recorda que, em 2001, o *Council on Foreign Relations* (CFR) enviou um memorando ao então Presidente George W. Bush, reiterando a importância estratégica do Brasil para os EUA, associada ao potencial de cooperação em áreas como comércio, tráfico de drogas e segurança regional. Fishlow, que integrou a força tarefa responsável por produzir o memorando, destaca que já naquela época era possível observar entre acadêmicos e *policy-makers* uma “discordância persistente sobre a possibilidade de estabelecer relações mais igualitárias” entre Brasil e EUA.

Dezesseis anos depois, Fishlow vê o momento atual como de relativo afastamento entre os dois países. “Não tem ninguém dentro do governo americano que saiba onde fica o Brasil”, resume o Professor. Segundo Henrique Rzezinski, Conselheiro do CEBRI, a “falta de aprofundamento” das relações resulta em uma atual agenda bilateral “pobre”, especialmente se comparada às relações dos EUA com parceiros como Índia e China. Apesar da existência de mecanismos

de alto nível para a coordenação bilateral – inclusive entre o Itamaraty e o Departamento de Estado americano – estes seriam pouco utilizados. Para Rzezinski, embora Brasil e EUA apresentem, no geral, “boas relações”, há amplo espaço para que as mesmas sejam aprofundadas; particularmente, em temas estratégicos como cooperação energética, defesa hemisférica e infraestrutura.

Nesse ponto, cabe destacar a observação de Marcos Troyjo, segundo a qual “não há nenhuma arquitetura comercial hoje no nível bilateral ou regional de relevância que esteja sendo empreendida por Brasil e Estados Unidos – um grande desperdício”. Fishlow, por sua vez, menciona a declarada preferência de Trump pela via bilateral, mas considera improvável o avanço em direção a um acordo bilateral com o Brasil, que atualmente

se situa “fora do radar” do Presidente americano. “Nem as relações comerciais entre os EUA e a Grã-Bretanha estão progredindo. Imaginar que haverá interesse por uma relação especial com o Brasil não faz sentido. Ninguém está falando disso”, afirma Fishlow.

Considerando o potencial não realizado das relações bilaterais, o Professor ressalta a relevância da mobilização de atores do setor privado – destacando a necessidade de “alimentar a percepção dentro do setor privado dos EUA” sobre as possibilidades oferecidas pelo Brasil para a colaboração empresarial. Nesse sentido, Fishlow indica iniciativas relevantes nos setores de cosméticos, transportes e tecnologia, mencionando investimentos da General Motors e IBM no Brasil.

O Professor destaca os atrativos representados pela ampla disponibilidade de recursos naturais e produtividade agrícola no Brasil, bem como pela competitividade e capacidade tecnológica de empresas como Embrapa e Embraer. Fishlow chama atenção para o fato de que a Embraer “não é apenas o principal exportador do Brasil, mas é também seu maior importador”. Esses dados mostrariam que o êxito da empresa está atrelado ao modelo de globalização da produção adotado.

Finalmente, um ponto estratégico para o futuro das relações bilaterais, porém pouco explorado, diz respeito à relação entre a produção do pré-sal no Brasil e do *shale oil* nos EUA. Para Rzezinski, estes representam “dois importantes temas dentro da equação da energia mundial hoje”. De fato, Fishlow afirma que, com a expansão da produção de petróleo nos EUA a partir da técnica do *fracking*, o país estaria próximo de transitar da condição de importador para exportador de petróleo. Por sua vez, essa tendência poderia “gerar problemas com o início da produção do pré-sal”, uma vez que Brasil e EUA seriam competidores nesse setor.

Em última instância, como elemento fundamental para o futuro não apenas das relações do Brasil com os EUA, mas da política externa brasileira em geral, Fishlow assinala a importância de “buscar relações não apenas com parceiros do Sul, mas também do Norte”. Considerando a atual “onda de federalismo” nos EUA e a reafirmação da autonomia das unidades subnacionais, um caminho para avançar na cooperação entre Brasil e Estados Unidos pode ser a paradiplomacia, o estabelecimento de contatos diretos entre os estados brasileiros e americanos. A colaboração entre o Rio de Janeiro e o Texas no campo de petróleo, por exemplo, pode representar um eventual modelo para iniciativas setoriais similares.

#### CONTEÚDO RECOMENDADO

## Aumento na produção de petróleo nos EUA

A Agência Internacional de Energia projeta aumentos substantivos na produção de petróleo de xisto nos EUA em 2018, principalmente nos Estados do Texas e Novo México.

### Perfuradores de petróleo de xisto nos EUA prontos para iniciar ano com grandes ganhos em produção



<https://www.cnbc.com/2017/12/18/us-shale-oil-drillers-to-kick-off-new-year-with-big-production-gains.html>

“

A relação hoje em dia entre Brasil e Estados Unidos é simples: não existe. Não tem ninguém dentro do governo norte-americano que saiba onde fica o Brasil.”

“

O Brasil sempre acha que está recebendo pouco dos Estados Unidos, enquanto, do outro lado, os Estados Unidos reclamam do Brasil, argumentando que o país quer ‘tirar vantagem’ da relação e busca tratamento diferenciado.”

“

Sobre o problema da desindustrialização, (...) os EUA estão pensando que a proporção das manufaturas dentro do PIB está baixando, por causa do aumento da produtividade. No Brasil, também está baixando, mas pela falta do aumento da produtividade dentro do setor.”

- Albert Fishlow

“

Hoje a agenda bilateral me parece extremamente pobre, se olharmos os temas sensíveis como livre comércio, energia (...), defesa, infraestrutura, etc. Não é por falta de mecanismos, existem mecanismos de nível altíssimo (...), mas são pouco utilizados.”

- Henrique Rzezinski

“

É um enorme desperdício a ausência de maiores iniciativas conjuntas. Não há nenhuma arquitetura comercial hoje no nível bilateral ou regional de relevância que esteja sendo empreendida por Brasil e Estados Unidos.”

- Marcos Troyjo





# Biografias

## **Albert Fishlow**

Albert Fishlow é Professor Emérito na Universidade da Califórnia, Berkeley, e na Universidade Columbia, onde já atuou como Diretor do Instituto de Estudos Latino-Americanos e do Centro para o Estudo do Brasil. Foi Paul A. Volcker Senior Fellow de Economia Internacional no *Council on Foreign Relations*, bem como secretário assistente para assuntos Interamericanos entre 1970 e 1976. Em 1999, foi premiado com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul pelo governo brasileiro. É mestre pela Universidade da Pensilvânia, doutor pela Universidade de Harvard, e autor de numerosas obras sobre história econômica e estratégias de desenvolvimento brasileiras, como “O Novo Brasil” (2011) e “*Starting Over: Brazil since 1985*” (2011).

## **Henrique Rzezinski**

Conselheiro do CEBRI, Henrique Rzezinski é Diretor para Relações Institucionais na ENEVA. Anteriormente, foi Vice-Presidente de Política e Assuntos Corporativos e Políticas Públicas da BG Brasil, Vice-Presidente Sênior de Relações Externas na Embraer e Diretor de Relações Externas e Comércio Internacional da Xerox do Brasil. Serviu como Presidente da Associação Brasileira de Informática e Equipamentos de Escritório (APRIMESC), Co-Presidente do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos e Presidente da Câmara de Comércio Americana do Rio de Janeiro. É bacharel em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Planejamento com especialização em Planejamento Regional, Urbano e Econômico da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA).

## **Marcos Troyjo**

Diplomata, Marcos Troyjo é mestre e doutor em sociologia das relações internacionais pela Universidade de São Paulo (USP), com estudos de pós-graduação em Harvard e de pós-doutorado na Universidade Columbia, onde é Professor e Diretor do BRICLab. É fundador da consultoria *Center for Business Diplomacy* e pesquisador do *Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien* (CEAQ) da Universidade Paris-Descartes (Sorbonne), além de integrante do Conselho Consultivo do Fórum Econômico Mundial e conselheiro do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). É colunista da Folha de São Paulo e autor dos livros “Tecnologia e diplomacia: Desafios da cooperação internacional no campo científico-tecnológico” (2003), “Nação-comerciante: Poder e prosperidade no século XXI” (2007) e “Desglobalização: Crônica de um mundo em mudança” (2016), entre outros.



## Conselho Curador do CEBRI

### Presidente

José Pio Borges

### Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

### Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

### Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

### Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

### Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

[www.cebri.org](http://www.cebri.org)